



Brno, Rep. Checa, Hospital S. João de Deus

João Cidade, a identidade portuguesa e a dimensão universal de S. João de Deus

Irmão Doutor Aires Gameiro, O. H.

Introdução

Como é que as pessoas e as nações formam a sua identidade e adquirem representações e auto-estima por ela?

E como é que João Cidade tornado S. João de Deus integra a identidade portuguesa como ícone significativo?

A identidade individual e nacional, em parte, permanente e em parte, mutável, passa por mudanças e crises.

Os processos de aquisição, valorização e mudança da identidade individual, social e nacional têm sido muito estudados nos últimos anos¹.

I PARTE

A construção das identidades social e nacional

Na formação da nossa identidade nacional, (individual, social) operam dois processos. *De dentro, afirmamos o carácter único de ser português e de sermos diferentes dos outros. De fora, adquirimos semelhanças com os outros para valorizar o que somos* [Codol (1980)], isto é, copiamos atributos dos outros, vistos como positivos.



Budapeste, vista parcial do Hospital dos Irmãos de S. João de Deus



Dinan, França, vitral de S. João de Deus

Há uma interação contínua entre o *dentro*: conhecer-se, representar-se e perceber reações a nós, do ambiente; e o *fora* ou o perceber as nossas semelhanças e diferenças com os outros.

Procuramos confirmação da nossa identidade, e sem ela sofremos o incômodo do conflito entre o *dentro* e o *fora*, e tentamos encurtar a distância mudando no cognitivo ou nos comportamentos. Numa palavra, dependência estreita entre a estima *própria* da identidade e estima alheia por ela.

Ao afirmar as diferenças diminui-se a estima alheia. Com a submissão às normas e semelhanças comuns aumenta-se a aprovação social.

Problema difícil é o das pessoas e grupos com *estigmas* ou diferenças físicas ou coladas por preconceitos sociais à própria identidade e com pouca margem de mudança (E. Goffman 1964).

A comparação social, sempre presente, tem sido muito estudada para se compreender as identidades auto e hetero-atribuídas, as identidades ameaçadas, abaladas ou ditas inferiores².

Um povo, em momentos de tais identidades, recorre à afirmação de redefinição de si mesmo, assente em algo de novo, diferente, que lhe dê visibilidade e reconhecimento. Não será isso o que Portugal está tentando nesta crise de identidade, económica e de valores nacionais?

Importa nestes casos dar atenção a áreas esquecidas do património da própria identidade para aumentar a auto-estima e ter um lugar mais satisfatório.

Fishman (1968, 1972) não aceita o ponto de vista de que a língua é base da auto-identificação, é antes o meio para afirmar a diferença doutros povos, portanto posterior ao sentimento da própria identidade nacional. Por ela, um povo procura consolidar a sua identidade, distinguindo-se dos outros³. Por isso a língua portuguesa é mais latinizada que o espanhol. A cultura cria a identidade ou a identidade cria a cultura? Talvez ambas as coisas. Deverex, contudo, defende que a identidade cria padrões culturais únicos, diferentes e até contrários aos do vizinho para se afirmar.

Diferenciar é categorizar e dar atributos de valor à própria categoria e negá-los ou diminuí-los noutras categorias.

No ajustamento entre a identidade hetero-atribuída e reconhecida socialmente, e a identidade auto-atribuída, distinguem-se vários sub-processos:

1. *Enriquecer a identidade com a diferenciação⁴ e revalorização de atributos considerados por outros como negativos ou "inferiores";*
2. *Recusá-la com a mobilidade, mudando de um grupo para outro, se é possível e favorável;*

3. *Recriar novos atributos ou associar outros atributos positivos, latentes ou esquecidos na própria identidade.*

Trata-se, em resumo, *primeiro*, de "vender" como qualidades e atributos positivos os que até ali foram considerados fraquezas e defeitos. Meros exemplos seriam os ritmos negros, a convivialidade dos Latinos, etc.

Segundo, mudar de grupo, categoria, partido, nacionalidade, religião, etc., à procura da própria identidade e valores.

Terceiro, dar relevo ao que já existe no património histórico-cultural e acrescentando outros atributos novos.

E a identidade portuguesa?

As identidades nacionais sedimentam-se e estruturam-se com valores, tradições e figuras nacionais, heróis, santos, datas, acontecimentos históricos... E, cada vez mais, com valores de competências económicas e tecnológicas.

Os atributos permitem *categorização social*⁵ das nações e povos, *comparação* entre si, formação de uma identidade à base de *semelhanças* e *diferenças*. E, eventualmente, alta auto-estima ou derrotismo.

Alguns atributos funcionam em certas épocas e são quase esquecidos ou rejeitados noutras, por razões objectivas ou arbitrarias, ideológicas, revoluções, desenvolvimento, etc. Por isso, as figuras nacionais, heróis, cientistas, humanistas, santos, datas, podem ser reexaminados e repropostos para motivar e revigorar a imagem e a auto-estima nacional.

As descobertas marítimas, associadas ao colonialismo e a ideologias alienígenas, foram quase rejeitadas e esquecidas apesar de serem atributos intemporais fortes de aculturação, universalidade das ciências náuticas, difusão da cultura europeia cristã.

Portugal pode-se orgulhar e revigorar com eles a identidade nacional. Revigorar é tarefa permanente mas requer líderes inovadores, não subjugados a ideologias efémeras, e modelos e modeladores estáveis da identidade nacional, motivando a auto-estima com objectividade para os valores nacionais genuínos.

E agora uma questão polémica. Quais os atributos nucleares da identidade portuguesa?

A fundação da nacionalidade, cultura, língua, riscos de 1385, recuperação de 1640, património literário, histórico, artístico, cultural, religioso de matriz judeo-cristã,



Newark (USA), vitral da Igreja de N.ª Sr.ª de Fátima



Palma de Mallorca, pormenor da estátua do Hospital de São João de Deus



Sydney, estátua da entrada do Hospital dos Irmãos de São João de Deus

são dos mais marcantes. Depois as descobertas marítimas e a extensão da Portugalidade lusófona ao Brasil, África, Ásia, Oceânia, e sua permanência nos quatro cantos.

No mapa mental de muitos Portugueses terão relevo ainda a Universidade de Coimbra, a fundação, construção, influência nacional de muitos mosteiros, conventos, santuários, catedrais, castelos e palácios...

Queira-se ou não, adquirem grande relevo Fátima, alguns estádios e clubes desportivos, a canção do fado, a Primeira República, o chamado Estado Novo, o 25 de Abril, a pertença à Comunidade Europeia.

O imaginário português inclui alguns escritores, poetas, dramaturgos, historiadores, cientistas e artistas, sem faltarem alguns santos, beneméritos e humanistas portugueses por nascimento ou por adopção. Colocaria, entre os primeiros, Santo António, o português mais conhecido no mundo, seguido de S. João de Deus, numa posição honrosa, pelas suas dimensões de hospitalidade sem fronteiras de que falarei mais adiante.

Ser Português. Que características?

Façamos agora uma pergunta difícil e polémica: quais as características nucleares comportamentais do português médio, de ontem e de hoje? Como se distingue doutros povos próximos ou distantes?

Avancemos alguns desses elementos de resposta.

1. *Grande capacidade de convívio de matriz materna, de afiliação com emoção e sentimento, facilidade de se misturar com outros povos em que a lógica e eficácia passa para segundo plano. Associa-se a este traço a presença de Nossa Senhora no imaginário e na devoção da maioria dos portugueses. As centenas de santuários, de todas as épocas, nos muitos itinerários de Portugal, aí estão a atestar esta matriz materna, afectiva, emocional, com relevo actual, quer se queira quer não, para o de Fátima. Teríamos também aqui a motivação afiliativa dominante que McClelland⁶ encontrou no seu estudo multi-nacional.*

2. *Espírito de aventura expansiva, concretizado na plêiade de marinheiros, viajantes, aventureiros, missionários, emigrantes. Povo que parte ... ou que fica unido pela saudade. Os maiores santos portugueses até são "internacionais". Santo António, Santa Isabel, S. João de Deus, S. João de Brito e Santa Beatriz da Silva; e o mesmo podemos dizer de muitos escritores, a começar por Camões ... Fernão Mendes Pinto, etc.*

3. *Individualista mas "construtor de pontes" e promotor de fraternidade universal*

ligando fronteiras, povos, culturas, raças e religiões com algum racismo à mistura.

4. *De humor simultaneamente alegre e triste, festeiro e masoquista, com misturas de fado, saudade, fatalismo e auto-vitimização.* Teríamos também aqui a motivação afiliativa dominante que McClelland⁷ encontra no seu estudo multi-nacional.

5. *Complexo do Velho do Restelo de individualista-ressentido, contra alguém da própria nacionalidade ou grupo, por ser ou fazer algo a mais ou diferente. Está retratado por Camões nos Lusíadas e leva, com frequência, a ser um empata que não faz nem deixa fazer, por inveja não admitida.*

Individualismo que o leva a cuidar mais do seu interesse que do bem comum e a fazer a sua lei de forma anárquica .

6. *Improvisador exímio e comerciante expedito, que de tudo faz uma loja, um negócio ou um barraco para oficina como pretexto para se safar e sobreviver. Capaz de fazer de tudo, mas incapaz de cumprir prazos e de fazer obra de qualidade. Já não se aplicará?*

Apesar de tudo, é atributo mais positivo que negativo, esta capacidade de realizar coisas notáveis com meios diminutos.

II PARTE

5. João de Deus, ícone da Identidade Portuguesa, ontem e hoje

Se há uma figura da identidade portuguesa a pedir revalorização e integração no centro do imaginário e do coração pátrio é o grande "Português de Granada" e de todo o mundo, S. João de Deus.

Este Português, é sem favor, o protótipo do português aventureiro, viajante, universal. Foi empreendedor, criador de laços de fraternidade, hospitalidade sem fronteiras de nacionalidade, religião ou raça.

Em resumo

1. S. João de Deus, cedo e sem explicação histórica satisfatória, emigrou de Montemor-o-Novo para a *aventura* em Espanha. Fez-se pastor para subsistir e crescer. Participou numa guerra de Espanha contra a França na fronteira. Atravessou a Europa, por mar e terra para combater os Turcos em Viena, no exército de Carlos V. Foi peregrino de Santiago. Voltou ao seu país, trabalhou em Ceuta e fez posteriormente dezenas de viagens por Andaluzia e Castela até à corte em Valhadolid: agora, de negócios de bem-fazer.



Brasil, quadro com São João de Deus no Santuário de N.ª Sr.ª Aparecida



Gwangju, Coreia do Sul, entrada do Hospital de São João de Deus



S. Paulo, estátua da Casa de Saúde
S. João de Deus



Velha Goa, portal da Igreja do
Convento de S. João de Deus

2. Foi um *comerciante improvisado*, primeiro vendedor ambulante de livros e depois numa loja-livraria.

3. Foi o humanista de coração grande, após a crise de conversão, em que se "afiliou" com Deus e com os pobres doentes, tornando-se mais uma vez vendedor ambulante de lenha e irmão de todos. Na Granada do século XVI, cosmopolita, cheia de fidalgos, moiros, cristãos novos, miseráveis e estrangeiros, João de Deus era mais um, que se fez ponte fraterna entre uns e outros.

Ele Português, emigrante, pobre, aventureiro, "marginal", conseguiu elevar-se a irmão de todos e a primeiro cidadão de Granada de ontem e de hoje. Convenceu fidalgos e moiros decaídos, zelosos do "establishment" e marginais da rua, do valor de cada um e do valor da sua "*Aventura Iluminada*" de resolver problemas de fome, doença, prostituição, desamparo, abundância e poder. De presos, vingativos, prepotentes, príncipes, bispos e cortesãos fez amigos e irmãos. Todos lhe deram, todos o admiraram e muitos se deram à empresa humanitária dos seus hospitais.

4. Superou as barreiras das classes, do poder, da raça, da nacionalidade e tornou-se um autêntico "construtor de pontes" entre raças, religiões e culturas. Era conhecido em Granada como João Cidade, "o Português" e mais tarde por S. João de Deus, Pai dos Pobres.

5. À boa maneira portuguesa, *deixou-se levar pela emoção e sentimento*, de humor ora alegre ora triste.

6. A espontaneidade do seu coração levou-o à improvisação impulsiva de *organizar do nada e sem nada*, primeiro um "hospital geral", a que chamava Casa de Deus, e depois, a transferi-lo e aumentá-lo para 200 doentes, de todas as doenças e mazelas. E esse hospital, no dizer dos historiadores, foi um modelo de organização, inovação e eficiência. Separou os doentes por doenças, deu uma cama a cada doente em vez de deitar 3 ou 4 por cama como foi corrente, mesmo na cidade das luzes, Paris, ainda em finais do século XVIII. Socorreu-se de médicos e boticários (farmacêuticos) e praticou assistência humana integral ou holística ao encontro de todas as necessidades do doente, biológicas e espirituais.

7. Conseguiu contagiar muitos com o seu *espírito de fraternidade universal*. Muitos lhe davam para os seus doentes, mas isso não o impediu de andar sempre pobre e cheio de dívidas. Para ele tudo era de todos, e tudo o que lhe davam ia para os primeiros necessitados. Quando, consumido por uma pneumonia, estava prestes a morrer, em 1550, tinha Irmãos seus, colaboradores e um Arcebispo que prometeram continuar a sua missão e herdar as suas dívidas e os seus doentes sem os abandonar. E têm cumprido.

A sua morte suplantou em apoteose tudo o que já se tinha visto antes em Granada,

em relação a um funeral de multidão que fez convergir todas as categorias de pessoas para o chorar e o tomar como patrono, ele, o estrangeiro, o Português de Granada, o Português de Montemor-o-Novo.

III PARTE

Universalidade de S. João de Deus, Ontem

Por ser raiz e tronco de seiva pujante, dele brotou a frondosa árvore hospitaleira que não cessa, ainda hoje, de dar novos ramos humanitários de bem-fazer. As obras joandeínas estão nos cinco continentes.

Os "herdeiros" do seu carisma expandiram-no pelos quatro ventos como aurora que avança com a suavidade da hospitalidade e amor universal.

Uma única Ordem isenta, duas Congregações

Convém recordar que a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus se desenvolveu a partir quase do início como uma só Ordem canónica laical, (de Irmãos não sacerdotes), isenta dos bispos como as Ordens clericais, dividida em duas Congregações, a Italiana e a Espanhola, com duas séries de Superiores Gerais. Em resumo os dados são os seguintes:

Pio V aprovou a Congregação dos Irmãos em 1572 com a concessão de terem um Irmão sacerdote, por casa; Sisto V em 1585 elevou-a de Congregação a verdadeira Ordem Religiosa isenta dos Bispos locais e com direito e obrigação de reunir capítulos gerais e de eleger Superiores Gerais com poder sobre toda a Ordem à maneira das de monges e Regulares. Do Capítulo Geral de 1587 saíram as Constituições para toda a Ordem.

Por pressões de alguns bispos e de políticos, de Espanha, Clemente VIII em 1592 fez regredir a Ordem a mera congregação, ou antes, a quase Pia União sujeita aos bispos locais. Como este retrocesso trouxe inúmeros inconvenientes, o mesmo Papa reparou esses danos logo em 1596 mas, infelizmente, só para a Itália, devolvendo à Ordem todos os privilégios, prerrogativas, graças, faculdades, indultos e indulgências já concedidas pelos seus antecessores⁹. Em Espanha, esta reintegração no estatuto de Ordem só foi iniciada por Paulo V em 1608 e completada em 1619. Isto significava que uma só Ordem caminhou neste período a duas velocidades e acabou por ficar dividida, embora não espiritualmente, em duas Congregações e a expandir-se autonomamente a partir de dois centros, com dois Superiores Gerais: Roma e Madrid. Este estado jurídico durou até à Restauração em Espanha, Portugal e México no século XIX por Bento Menni, voltando a Ordem à unidade.



Linz, Áustria, porta exterior da Clausura dos Irmãos de S. João de Deus

O primeiro período de expansão deu-se nos séculos XVI, XVII e XVIII, e, após supressões político-ideológicas sucessivas dos Irmãos de S. João de Deus, em quase todos os países, veio o segundo período de expansão. Restaurações, refundações, sucederam-se vertiginosamente nos séculos XIX e XX, até hoje¹⁰.

Vejamos, rapidamente, uma amostra do primeiro avançar vertiginoso por toda a Europa, pela Américas, África e Ásia até às Filipinas.

Primeira Expansão das Obras de S. João de Deus: Séculos XVI-XVII

Na Europa:

Espanha

Com pujança, cerca de cinquenta casas irradiam do foco de hospitalidade iniciado por S. João de Deus em Granada por toda a Espanha, desde 1539 a 1747.

Província de Castela



Expansão na Espanha

Séc. XVI

1539, 1540, 1541, 1553 - Granada
 1553 - Madrid
 1565 - Lucena
 1568 - Utrera
 1569 - Gibraltar
 1570 - Córdoba
 1578 - Medina Sidonia
 1579 - Jerez de la Frontera
 1585 - San Lucar
 1586 - Cabra
 1587 - Villa Martin
 1591 - Osuna
 1591 - Valladolid
 1595 - Segovia
 1598 - Medina de Rioseco
 1599 - Lopera
 1599 - Arevalo

Séc. XVII

1601 - Ubeda
 1602 - Porcuna,
 1604 - Martos
 1612 - Alcaraz
 1613 - Murcia
 1614 - Cadiz
 1620 - Provincia de Castela
 1624 - Mérida
 1624 - Jaen
 1624 - Orhuela
 1624 - Andujar
 1628 - Almagro
 1631 - GuadalaJara
 1636 - Alcalá de Henares
 1638 - Priego
 1644 - Ciudad Real
 1652 - Talavera

1655 - Elja

1661 - Moron de la Frontera
 1661 - Puerto de Santa Maria
 1663 - Lorca
 1664 - Montilla
 1666 - Bujalance
 1667 - Antequera
 1672 - Llerena
 1673 - Arcos de la Frontera
 1680 - Málaga
 1681 - Alcala de Guadaira
 1681 - Constantina
 1683 - Ronda
 1687 - Marbella
 1696 - Cartagena
 1696 - Pamplona

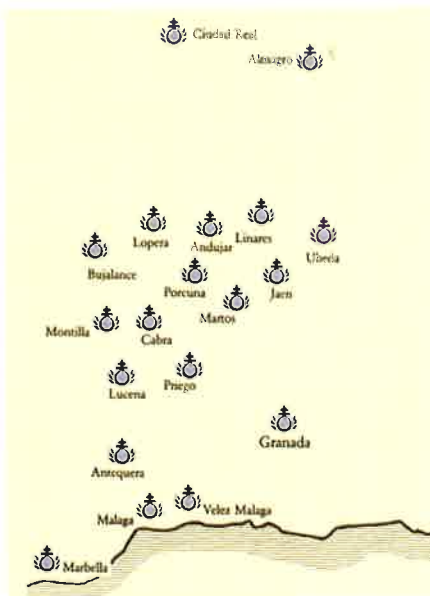
Séc. XVIII

1704 - Logroño
 1716 - Linares
 1747 - Provincia de Sevilla
 1747 - Molina de Aragon

Provincia de Sevilla



Provincia Andalus



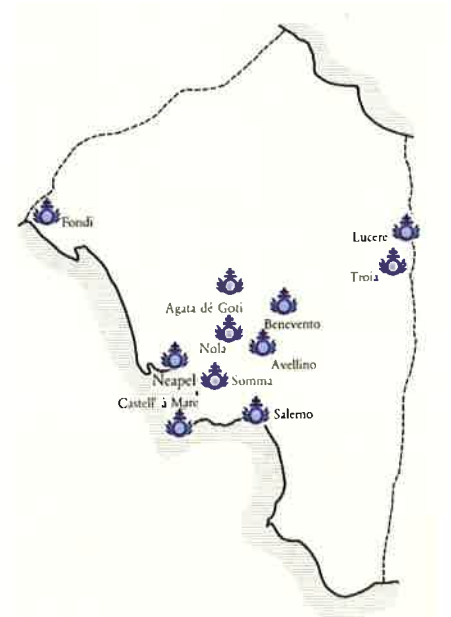
Itália

Note-se como na Itália seis províncias se desenvolvem e expandem simultaneamente: Romana, Milanesa, Napolitana, Siciliana, de Bari, Sardenha nas quais se originam mais de 70 Casas com o pregão de S. João de Deus: Fatebenefratelli (*Fazei o bem Irmãos*).

Província Romana



Província de Nápoles



Expansão na Itália

Séc. XVI

1580 - Roma
1584 - Ilha Tibwerina - Roma
1584 - Perúsia
1586 - Nápoles
1586 - Palermo
1587 - Corneto - Tarquinia
1588 - Milão
1588 - Velletri
1589 - Florença
1589 - Messina

1590 - Caltagirone - Sicília
1590 - Caltanissetta - Sicília
1590 - Troia
1590 - Lanciano
1590 - Aquila
1591 - Taranto
1591 - Barietta
1591 - Santa Ágata dei Goti
1591 - Siracusa
1591 - Polizzi Generosa - Sicília

1592 - Rossano
1592 - Troina - Sicília
1595 - Cesena
1595 - Turim
1596 - Província Romana
1596 - Província de Nápoles
1596 - Cremona
1597 - Foggia
1599 - Lecce
1600 - Nola

Expansão na Itália (cont.)

Séc. XVII

1602 - Livorno
 1604 - Benevento
 1605 - Francavilla
 1607 - Piombino (Toscânia)
 1607 - Bolonha
 1608 - Província de Milão
 1612 - Lentini - Sicília
 1614 - Salerno
 1616 - Província de Sicília
 1618 - Avellino
 1619 - Rieti
 1621 - Província de Bari
 1621 - Castellammare
 1622 - Melfi
 1625 - Ostia
 1626 - Lucera
 1626 - Sorrento

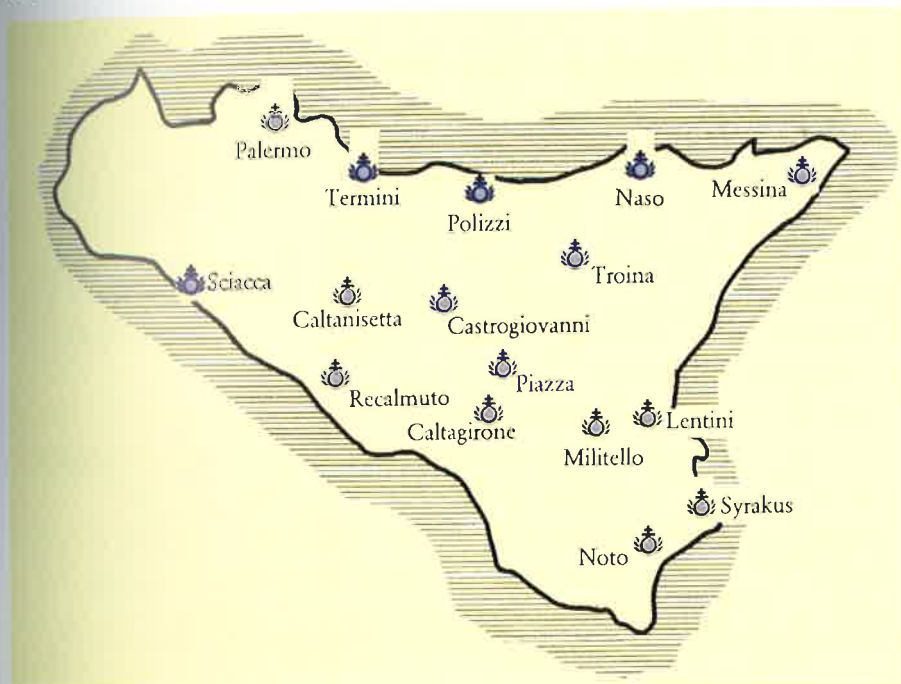
1628 - Catanzaro
 1634 - Andria
 1636 - Fondi
 1636 - Cagliari - Sardenha
 1638 - Civitavecchia
 1639 - Sassari - Sardenha
 1640 - Alghero - Sardenha
 1640 - Oristano - Sardenha
 1642 - Castrogiovanni - Sicília
 1642 - Bosa - Sardenha
 1645 - Vico del Gargano
 1654 - Gorizia
 1659 - Província da Sardenha
 1665 - Filetto, Ravenna
 1667 - Ortona sul Mare (Pescara)
 1667 - Crotona
 1667 - Noto - Sicília

1673 - Civita di Penne
 1675 - Taviano
 1678 - Corigliano Calabro
 1678 - Potenza
 1679 - Piazza Armerina - Sicília
 1680 - Sciacca - Sicília
 1682 - Naso - Sicília
 1700 - Montalto

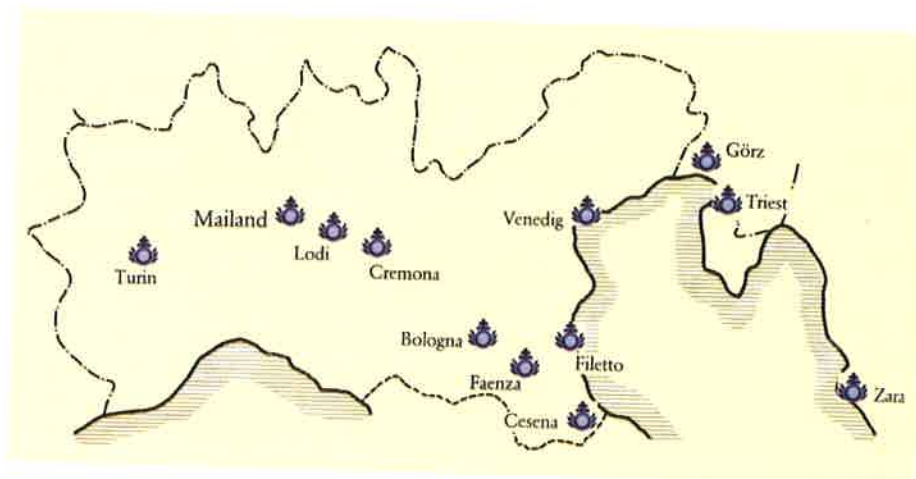
Séc. XVIII

1715 - Veneza
 1731 - Monterotondo
 1735 - Tivoli
 1742 - Zara
 1752 - Faenza
 1773 - Lodi
 1790 - Corfu

Província da Sicília



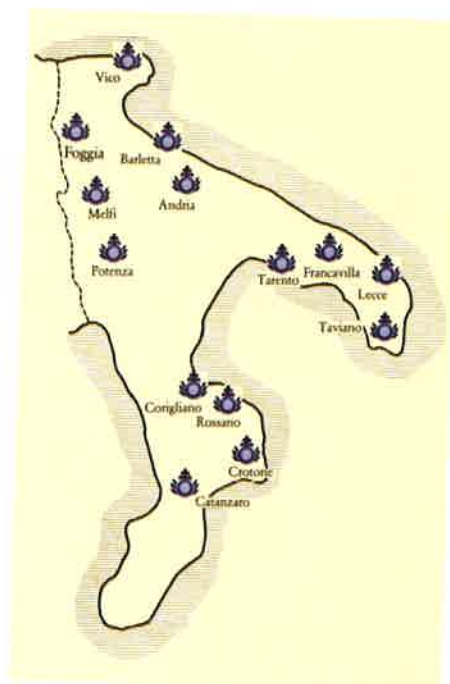
Província de Milão



Província de Bari



Província da Sardenha



Portugal

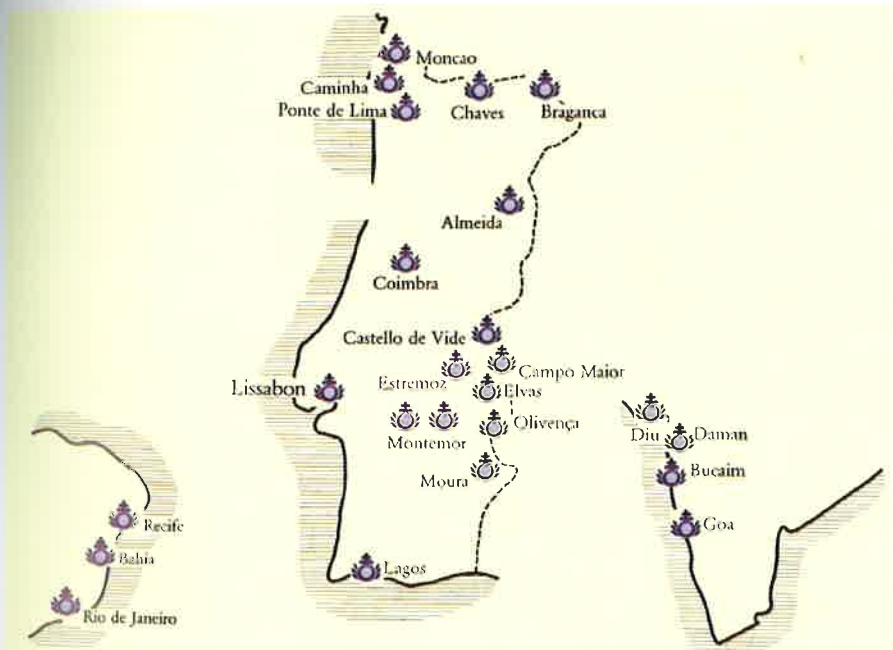
A partir de grupos de Irmãos espanhóis que acompanhavam os militares e as armadas, foi fundado o hospital militar da Boa Nova na Ilha Terceira e nos anos de 1590 um no interior do Castelo de S. Jorge, Lisboa.

Em 1606 estabeleceram-se os Irmãos em Montemor-o-Novo para comprar a casa onde nasceu S. João de Deus. Dai irradiaram com cerca de 25 Hospitais.

Expansão em Portugal no século XVII

1580/1601? - Lisboa	1650 - Moura	? - Chaves
1606 - Montemor-o-Novo	1659 - Ponte de Lima	? - Almeida
1629 - Lisboa	1662 - Lagos	? - Caminha
1641 - Elvas	1671 - Provincia Portuguesa	? - Monção
1642 - Lisboa (Castelo de S. Jorge - 2º Hospital)	1671 - Castelo de Vide	? - Bragança
1645 - Olivença	1673 - Lisboa - Castelo de S. Jorge	
1645 - Campo Maior	1677 - 2º Montemor-o-Novo	
	1677? - Estremoz	

Provincia Portuguesa



França

Os Irmãos italianos convidados por Maria de Médici, casada com Henrique IV, fundaram o famoso Hospital La Charité, em Paris, em 1602-1606, donde se ramificam rapidamente com cerca de quatro dezenas de Casas S. João de Deus.

Província Francesa



Expansão na França

Séc. XVII

1602 - La Charité Paris
 1617/27 - Cadillac
 1619/20 - Poitiers
 1620 - Moulins
 1622 - Niort
 1628 - La Rochelle
 1632/45 - Eilat
 1634 - Verins
 1636 - Roye
 1639 - Província Francesa
 1642 - Charenton

1644 - Pontorson
 1652 - Rue du Bac, Paris
 1653 - Sabtes
 1654 - Chateau-Thierry
 1655 - Condom
 1661 - Grenoble
 1663 - Selles-sur-Cher
 1664 - Vizille
 1666 - Avon, Fontainebleau
 1668 - Senlis
 1669 - Romans
 1674 - Saint-Martin-de-Ré

1675 - Vitry-le-Français
 1682 - Clermont-Ferrand
 1684 - Metz
 1691 - Brest
 1694 - Gayette

Séc. XVIII

1704 - Grainville
 1726 - Gondreville
 1734 - Alan
 1750 - Nancy
 1765 - Ebreull
 1781 - Montrouge (Paris)

Expansão da Ordem a norte dos Alpes

O irmão Gabriel Conde de Ferrara ficou conhecido como o cirurgião de Imperadores, (curou Segismundo III em Cracóvia, Maximiliano Ernesto, em Graz, irmão do Arquiduque Fernando eleito Imperador) e foi Vigário Geral da Ordem a norte dos Alpes, onde fundou 22 hospitais em territórios de dez países actuais.

Expansão a Norte dos Alpes

Séc. XVII

1605 - Valtice (Feldsberg), Checa
 1609 - Cracóvia, Polónia
 1611 - Zebrydowice, perto de Cracóvia
 1614 - Viena
 1615 - Graz, Estíria (Áustria)
 1615 - Pultusk bel Warschau, Polónia
 1616 - Salzburgo
 1620 - Praga
 1622 - Neuburg an der Donau, Baviera, Alemanha.
 1625 - Trieste
 1635 - Vilna (Lituânia)
 1639 - Luzk, Wolhynien
 1642 - Província Polaca
 1646 - Marlenburg, Danzig, Polónia
 1646 - Lublin
 1646 - Danzig, Polónia
 1649 - Kranstaw
 1649 - Novogrodek (Lituânia)
 1650 - Varsóvia-Lesno
 1650 - Kirchdrauf, Rép. Eslováquia
 1658 - Rakow (Lituânia)
 1659 - Província da Baviera
 1659 - Lemberg (Polónia)
 1665 - Przemysl (Polónia)

1669 - Bratislava, Rép. Eslováquia
 1672 - Presseburg
 1677 - Zamos (Varsóvia)
 1678 - Lieding (Caríntia)
 1680 - Podgroden, Polónia
 1692 - Neustadt na der Mettau
 1694 - Cieszyn (?) Teschen (Silésia)
 1700 - Minsk (Lituânia)

Séc. XVIII

1710 - Breslau (Worslaw - Silésia)
 1726 - Erlau - Hungria
 1728 - Grodno (Lituânia)
 1729 - Muester Alemanha
 1731 - Goerz
 1732 - Prossnitz (Morávia)
 1737 - Temesvar (Hungria)
 1739 - Prossnitz, Rép. Checa
 1743 - Kukus (norte da Boémia)
 1747 - Brno (Brunnen), Morávia
 1750 - Wlen, Centro de convalescentes
 1750 - Munique
 1751 - Letovice (Morávia)
 1752 - Mannheim
 1755 - Viena
 1756 - Linz

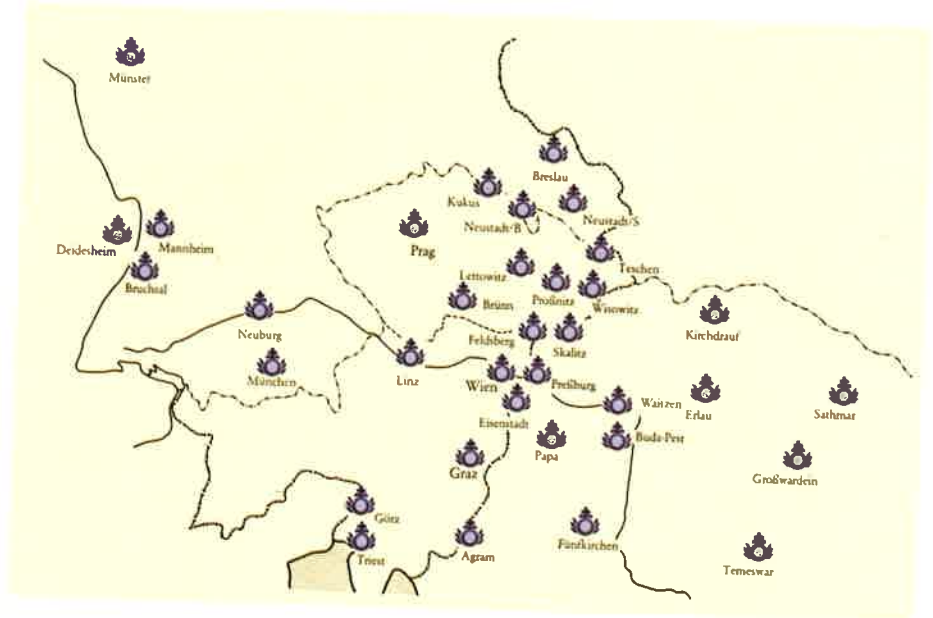
1757 - Papa, Leste da Hungria

1760 - Eisenstadt (Áustria)
 1760 - Grosswarsein
 1764 - 2º Neustadt (Silésia)
 1776 - Bruchsal
 1777 - Waitzen (Hungria)
 1778 - Deidesheim
 1781 - Wisowitz, (oeste da Morávia)
 1785 - Wysokle
 1785 - Laibach, Rép. Eslováquia
 1796 - Fuenfkirchen, (Hungria)
 1796 - Skaltz (Hungria)
 1799 - Pilchowitz, Polónia

Séc. XIX

1802 - Bratislava, Rép. Eslováquia, 2.º Centro de convalescentes
 1804 - Agram (Estíria)
 1815 - Budapest
 1816 - Província Lituana
 1834 - Sathmar (Hungria)

Província do Império Alemão



Província Polaca



Fora da Europa

O aventureiro Português de Granada, na Europa, já dava sentido à vida de hospitaleiros e alívio a milhares de doentes de todas as categorias. A hospitalidade com a sua marca de competência técnica e competência de coração ia-se, também, multiplicando por muitos povos fora da Europa, em cerca de 72 hospitais.

Expansão na América Latina de Língua Espanhola

Séc. XVI

1594 - Cartagena, Colômbia

Séc. XVII

1603 - Havana, Cuba
1604/1606 - México, N.E.
1605 - Collma, N.E.
1606 - Lima, Peru
1606 - Callao, P-C
1608 - Guadalajara, N.E.
1608 - Zacatecas, N.E.
1608 - Durango, N. E.
1610/13 - San Luis Potosí, P-C
1611 - Potosí, N. E.
1613 - Pisco, P-C
1615 - Oruro, P-C
1616/50 - León, N.E.
1616 - Arica, P-C
1617 - La Concepción, Chile
1619 - Santiago del Chile
1619 - Cusco, P-C
1619 - Orizábal, N. E.
1620 - Panamá, T.F.

1623 - Zalaya, N. E.
1625 - Cochabamba, P-C
1626 - Sanja, P-C
1629 - Puebla de los Angeles, N. E.
1630 - Mérida, N. E.
1630 - Sana, P-C
1630/32 - Huamanga, P-C
1935 - Campeche, N. E.
1635 - Tarija, P-C
1935 - Huancabllca, P-C
1635 - Santa Fé (Bogotá)
1636 - Guatemala, N.E.
1636 - Portobelo Terra Firme,
Colômbia
1636 - Tunja, Terra Firme
1637/43 - Sonsonate, N. E.
1638 - Provincia de Terra Firme (T.F.)
(Colômbia e Panamá...)
1638 - Provincia Peru-Chile (P-C)
(Peru, Chile Bolívia...)
1638 - Provincia Nova Espanha (N.E.)
(México, Cuba...)

Expansão na América Latina de Língua Espanhola (cont.)

Séc. XVII

1638/45 - Valdivia, P-C
1642 - 2ª Guatemala, N. E.
1642 - Nuova Granada, N. E.
1642 - 2ª Guatemala, N. E.
1642 - Nuova Granada, N. E.
1645 - Valladolid, N. E.
1648 - Leyba Terra Firme
1648 - Mizque, P-C
1650 - Nicaragua, N. E.
1650 - Yca, P-C
1662 - Camayagua (Honduras), N. E.
1663 - San Juan del Río, N. E.
1663 - Mariquita, Terra Firme
1663 - La Paz, P-C
1663 - Ciudad de la Plata (Sucre), P-C
1665 - Pamplona, Terra Firme
1668 - Santa Cruz de Mompos, T. F.
1669 - Vélez, T. F.
1670 - Páscarro, N. E.
1670 - Nata, T. F.

1686/99 - Tescuco, N. E.
1686/99 - Aguas Calientes , N. E.
1696/99 - Toluca, N. E.

Séc. XVIII

1702 - Antequera, N. E.
1742 - Paita, P-C
1742 - 2ª Guatemala, N. E.
1742 - Nuova Granada, N. E.
1742 - Puerto Principe, Cuba, N. E.
1744 - Tehuacan, N. E.
1745 - La Serena, P-C
1745 - Pachuca, N. E.
1748 - La Granada, Nicarágua, N. E.
1749 - Santa Marta, T. F.
1795 - Ocana, T.F.
1797 - San José de Cucuta, T.F.
1799 - Medellín, T. F.

Colónias de Língua Portuguesa (Brasil)

1689/1724 - Recife , Pernambuco,
1740/1755 - Cachoeira, Bahia,
1752 ? - Rio de Janeiro

Na África (a partir de Portugal)

1681 - Ilha de Moçambique

Na Ásia, (a Partir de Portugal)

Península do Indústão

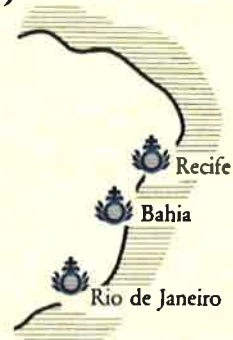
1685 - Goa
1686 - Baçaim
1687 - Diu
1693 - Damão



Na Ásia (língua espanhola)

Filipinas (a partir do México)

1618 - Manila
1620 - Cavite
1621 - Bagumbaya
? - Cebu
1748 - Zamboanga
1656 - Bellavista, Bulacan



Casas-Hospitais fundados (números aproximados)

desde 1550 a 1599	41
desde 1600 a 1649	116
desde 1650 a 1699	77
desde 1700 a 1749	31
desde 1750 a 1799	25
Total	290

Período de Hibernação

Com a onda de secularização liberal-maçónica que varreu a Europa, no final do séc. XVIII e no séc. XIX, os hospitais de S. João de Deus na Europa, Américas, África e Ásia quase desapareceram totalmente. E se não desapareceram de todo, foi devido ao facto de a Ordem já estar a ser restaurada nuns países quando ainda não tinha sido suprimida nos outros.

O primeiro país a suprimir a Ordem foi a França com a revolução de 1789.

Na Alemanha sobrevieram todas as dificuldades com as invasões de Napoleão. As leis de secularização subsequentes (1803-1818) suprimiram as 22 casas. A única excepção foi a de Neuburg St. Wolfgang por ter sido Fundação do Duque Wolfgang Guilerme I, em 1622, e entregue aos Irmãos com obrigação de usarem o hábito e administrar o hospital. A lei de 1803 deu-lhes protecção, mas proibiu de receber noviços. Os Irmãos foram, por isso, diminuindo até só ficar o Irmão Eberhart Hack, fiel aos seus votos e à hospitalidade.

Na Áustria, com as dificuldades criadas pelo Josefismo, a Ordem Hospitaleira entrou em grande decadência.

Em Portugal a supressão, preparada pelas lutas liberais (1820), foi decretada em 1834, como é bem conhecido. A Ordem, porém, já tinha sido atingida por dois outros duros golpes; o primeiro durante o domínio do Marquês de Pombal e o segundo com as Invasões Francesas.

Na Espanha, após a devastação napoleónica (1808-1814) e a revolução liberal maçónica, o aniquilamento da Ordem foi consumado em 1835.

A supressão em Portugal e na Espanha arrastou o desaparecimento da Ordem Hospitaleira em todas as colónias de língua Espanhola e Portuguesa.

Na Itália, a Ordem recebeu o primeiro golpe com a invasão de Napoleão, e o segundo com a unificação italiana por 1870. Os Irmãos foram desapossados dos hospitais mas, nalguns casos, puderam continuar aí a trabalhar como assalariados.

Universalidade de S. João de Deus, Hoje

Segundo Período de expansão da OH: séculos XIX E XX

A Ordem foi como que morrendo em diversos países mas logo, porém, a partir dos séculos XVIII e XIX, e, principalmente, do séc. XX a Ordem Hospitaleira renasceu das suas cinzas, pujante de vida, ora num ora noutro país. Vejamos, em resumo.

A Hungria, libertada do jugo turco, teve fundações logo em 1777 em Vác, 1796 em Pécs e 1806 em Budapeste.

Em França, o Irmão Jean de Dieu Magallon, antigo oficial de Napoleão, começou a restauração-refundação da Ordem em Lyon 1823, e continuou em Dinan, 1835, Paris, 1843, Marselha, 1852, etc.

Na Alemanha, a restauração iniciou-se a partir da Casa de Neuburg an der Donau, que por ser uma Fundação, como se disse, não pôde ser suprimida totalmente.

A dedicação e fidelidade do Irmão Eberhart Hack impressionou o rei Ludovico I, o qual, apenas 28 anos após a supressão, em 1831, autorizou esse Irmão a restaurar a Ordem no seu reino. Foi ajudado pelo Pároco Franz Xavier Markmiller, que entrou na Ordem com o nome de Irmão Magnobon e foi o novo Provincial.

Na Polónia, a Ordem sofreu o impacte das anexações de que foi vítima por parte da Prússia, da Áustria e da Rússia e foi extinta em 1865. Em 1918 após a I Grande Guerra adquiriu de novo a independência e pôde recomeçar as actividades até à II Guerra Mundial, em que a Polónia perdeu de novo a independência, dispersando-se os Irmãos e desaparecendo alguns deles sem deixar rasto. Em 1945, a Ordem pôde de novo reunir os cerca de 100 Irmãos nas Casas. Mas infelizmente por 1950-52, o Estado comunista apoderou-se dos hospitais e entregou os centros assistenciais da Ordem à Caritas. Só em 1989 a Ordem teve liberdade de se dedicar de novo às suas actividades, nos seus antigos hospitais.

Na Checoslováquia, país nascido das lutas nacionalistas contra os Ausburgos, a Ordem constituiu-se, a partir da I Grande Guerra, em Província autónoma, chamada Boemo-morávia com casas de territórios pertencentes à Áustria e à Hungria e com sede no Hospital de S. João de Deus de Praga. A maior parte dos hospitais anteriores passaram por dificuldades mas não foram suprimidos no séc. XIX. Em 1941, porém, Hitler reduziu a Checoslováquia a um Protectorado e proibiu todas as actividades à Ordem; sendo presos alguns Irmãos, cinco levados para campos de concentração onde morreram nas piores condições. (Cf Strohmayr o.c.285).

Em 1945, os Irmãos que sobreviveram voltaram à posse dos hospitais, para, infelizmente, os verem nacionalizados pelos comunistas, em 1949, ficando alguns a trabalhar neles como assalariados, proibidos de ter vida comunitária e de receber noviços. Após um breve período de liberdade na Primavera de Praga (1968), tudo voltou à mesma situação com Irmãos idosos em lares ou na família e alguns jovens a trabalhar nos Hospitais, sem poderem viver em comunidade.

A partir de 1989, o país dividiu-se em dois: República Checa e República da Eslováquia, procurando os poucos Irmãos vivos retomar as suas actividades nalguns hospitais devolvidos em grande estado de degradação.

Na Hungria, Roménia e Jugoslávia, a Ordem sucumbiu durante o regime comunista, não estando ainda reactivada, por falta de Irmãos. Só na Hungria se iniciou esse processo.

Na Espanha, a Restauração da Ordem foi realizada pelo Irmão S. Bento Menni, em 1867, o qual a restaurou também em Portugal em 1891 e no México em 1905.

Na Itália a Ordem não acabou de todo no terceiro quartel do século XIX porque os Irmãos continuaram a trabalhar nos hospitais nacionalizados, chegando mesmo a comprar o de Roma quando ficou em bancarrota.

A Nova Expansão do séculos XIX e XX em Resumo

Europa

França, 1823; Alemanha, 1831; Espanha, 1867; Vaticano, 1874; Portugal, 1891; Inglaterra, 1880; Irlanda, 1882; Bélgica (?); Ucrânia, 1997. Na Polónia, Repúblicas Checa e Eslováquia, e Hungria, as condições de actividade da Ordem começaram a normalizar-se em 1989.

Nas Américas

México, Zapópan (Guadalajara, 1905); Canadá (Montreal), 1932; Colômbia (Bogotá, 1930); Cuba (Havana), 1941; Estados Unidos, 1941; Venezuela (Córdova, 1934); Argentina, 1941; Bolívia (Sucre, 1948); Peru (Lima, 1952); Equador (Quito, 1967). Chile, Brasil, 1947.

África

Moçambique, 1943; Angola, 1967; Gana (Asafo), 1956; Togo (Afagnan, 1961); Zâmbia (Lusaca, 1962); La Réunion, 1962; Libéria (Monróvia, 1963); Serra Leoa (Lunsar, 1967); Camarões (Nguti, 1968); Benim (Dahomey, Tanguieta, 1967); Senegal (Thiês, 1975). Malawi, Quénia, Ilhas Maurícias.

Ásia

Israel, 1882; Japão, 1951; Vietname, 1954; Coreia do Sul, 1959; Filipinas, 1988; Índia, 1966; China, 2002.

Oceânia

Austrália, 1951; Nova Zelândia, 1955; Papua Nova Guiné, 1977; Timor-Leste, 2004.

Numa palavra, S. João de Deus ajuda, ainda hoje, a viver e a ter esperança a milhões de doentes e desanimados que vão passando cada ano pelas cerca de trezentas obras com seu nome em 50 países dos cinco continentes onde trabalham os seus Irmãos, colaboradores, voluntários e benfeitores.

Outras ramificações do tronco Joandeína

Mas estes números não dizem tudo. Hoje o nome e o espírito deste Português Universal alimenta e dá sentido de hospitalidade directa ou indirectamente, a outros institutos religiosos de homens e mulheres com largos milhares de membros.

Deixem-me lembrar apenas alguns destes ramos ligados ao tronco de S. João de Deus por relações de fundação, contactos, criação por Irmãos de S. João de Deus, etc.

- *Irmãs de S. João de Deus*, fundadas na Irlanda em 1871 pelo Bispo Tomás Turlong, estão presentes em cinco países e numa dúzia de centros de Hospitalidade;

• *Irmãs Hospitaleiras do S. Coração de Jesus*. Fundadas, em Espanha, há 125 anos pelo Irmão de S. João de Deus, São Bento Menni, encontram-se hoje em 23 Países com cerca 230 centros e obras de hospitalidade;

• *Irmãs de S. Rafael*, que trabalham nalgumas casas da Ordem na Baviera, Alemanha;

• *Irmãozinhos do Bom Pastor* fundados em 1951 pelo ex-Irmão de S. João de Deus Matias Barret nos Estados Unidos da América onde trabalham em vários centros e em Inglaterra, Irlanda e Canadá;

• *Irmãzinhas dos Pobres*. Na fase de fundação, Beata Jeannette Jugan foi apoiada na redacção das Constituições, em Dinan, França pelo Irmão Provincial francês, que lhes passou alguns princípios das Constituições da Ordem Hospitaleira;

• *Irmãs da Caridade de S. João de Deus (Índia)*. Fundadas em 1977 pelo Irmão de S. João de Deus Fortunatus Thanhaesuser (Berlim 27.02.1918-21.11.2005) em Kattappana, Kerala. O Irmão Fortunatus foi um dos refundadores da Ordem Hospitaleira na Índia. O Irmão Fortunatus faleceu no ano em que foi criada a Província indiana da Ordem e quando a Congregação das Irmãs já tinham completado 25 anos, tinham três casas e 70 Irmãs, e fora aprovada pela Santa Sé em 1994. Em 2002 tive o privilégio de conhecer o Irmão Fortunatus em Kattappana e orientar um encontro com um grupo de Irmãs na sua Casa generalícia na mesma cidade;

• *Irmãs Missionárias de S. João de Deus*, Belém do Pará, Brasil, fundadas pelo P. Francisco, missionário italiano, nos anos oitenta e já aprovadas pelo Bispo de Belém sob o patrocínio de S. João de Deus. Também tive o privilégio de orientar três dias de formação sobre S. João de Deus com estas Irmãs em 1999.

São tantas as obras de assistência, hospitais e centros de formação humana e espiritual, que talvez mais de cem mil doentes, pobres e necessitados curados, assistidos e confortados, por dia, ao som do nome do Santo Português dos Doentes e dos Pobres¹¹, por cerca de outros tantos profissionais, auxiliares, voluntários e amigos.

Convidaria ainda abrir os motores de busca da *Internet* em duas ou três dezenas de línguas para tomarmos consciência da dimensão do Português S. João de Deus.

E isto em cerca de 70 países e regiões onde se lembra o Português que quis ser Irmão de todos e que continua a sê-lo após 456 anos da sua morte.

Teríamos ainda que lembrar as corporações de *Bombeiros, Livreiros, os agrupamentos diversos de Jovens, Irmandades, Igrejas e Capelas, etc, com S. João de Deus como referência principal da sua identidade de bem-fazer.*

Razão teve o Papa Leão XIII em 1886 para proclamar *S. João de Deus Patrono dos Doentes e dos Hospitais, e Pio XI em 1929 para o proclamar Patrono dos Enfermeiros, das suas associações e de todos os que assistem doentes.*

Hoje, muitos emigrantes portugueses, desde a Alemanha ao Canadá, Estados Unidos, América Latina e Austrália, estão a descobrir com satisfação este Português nas suas terras de adopção e a admirar-se como é que não o conheceram no seu país.

Conclusão

Uma frase bastaria: Portugal pode e deve orgulhar-se da figura universal de S. João de Deus.

Os portugueses podem orgulhar-se desta figura ímpar que integra a identidade nacional. Um "atributo" de tal grandeza e universalidade, tão dentro do ser português não pode desperdiçar-se. Integremo-la como motivador da nossa auto-estima e modelo da nossa acção de fazer bem. É urgente fazer de S. João de Deus um modelo insigne de portugalidade e hospitalidade.

S. João de Deus enriquece os nossos atributos de humanidade, universalidade, capacidade de colaborar e bem-fazer com povos de todas as raças, línguas e culturas.

Quantos são os portugueses de todos os tempos com tão extensa auréola no mundo todo? Uma dezena ou duas, se tantos ...

Importa revalorizar a identidade portuguesa, os valores reais da sua história passada e recente, dos seus personagens e modelos de primeira grandeza, colocando este Português da Aventura e da Universalidade em plano cimeiro.

Os dez milhões de dentro, os quatro milhões de portugueses da diáspora e os muitos milhões da lusofonia dispersos por tantas culturas, esperam que não o deixemos ficar na prateleira do esquecimento.

S. João de Deus espera por artistas, escritores, historiadores, dramaturgos e cineastas que o tornem terapêutica eficaz da identidade portuguesa e lusófona de toda a Peregrinação Portuguesa no Mundo.

S. João de Deus está vivo e ajuda, ainda hoje, a viver e a ter esperança, milhões de doentes, desanimados e sofredores por falta de um rumo na vida, como ele aos quarenta e dois anos.

Estimados amigos,

é urgente lançar mão do capital humanitário da nossa gente para revigorar a Identidade Portuguesa. Todos ganharemos com isso. Proponho mesmo que S. João de Deus seja proclamado Cidadão Ilustre desta Cidade.

Notas

1. A aquisição da identidade, segundo TAJFEL (1959 e 1972) processa-se pela apropriação de estereótipos, por categorização e comparação social. Kuhn e Mc. Partland (1954), com o TS Test; e Gordon (1968); Zavalloni (1973) desenvolveram a técnica "quem sou?" para investigar as características mais marcantes da identidade individual. Ao passo que Jean-Paul CODOL (1980) investigou a busca de *semelhanças e da diferenciação social* dessa formação, a que G. Lemaine, J. Kaastersztein e B. Personnaz (1978) associou o estudo da *diferenciação social e a comparação competitiva* entre grupos sociais com sentimentos de inferioridade. Nestes estudos tem-se distinguido, entre outros, J. C. Deschamps (1984), M. Billig (1984), aplicando-os ao racismo, preconceitos e discriminação. J. P. Leyens (1983), aplicou-os às teorias implícitas da personalidade e M. Zavalloni (1971) ao estudo da identidade social. Nestes estudos inserem-se ainda os contributos do interaccionismo simbólico de G. Mead (1934) (*Mind, Self, and Society*) e os de E. Goffman (*Estigma*, 1964).
2. Com a comparação busca-se a *visibilidade social*, (Ziller, 1964, Maslach, 1974, e Fromkin, 1970), ou ainda a *incomparabilidade* a outro (Lemaine, 1974); acentua-se a própria *coerência e constância*, dá-se aos outros uma *imagem de si favorável*. A *auto-estima interage com a hetero-estima*, afirmam-se ora a diferença, ora a semelhança para equilibrar as estimas própria e alheia.
3. Muitos destes fenómenos encontram-se também na psicologia evolutiva em que filhos e irmãos entram pelas vias de "negativismo" diferencial e reactância para preservarem a própria identidade. O mesmo é visível entre grupos e cidades em competição ou rivalidade.
4. "Uma identidade ameaçada, dizem os autores citados, pode assim, ser restaurada por uma busca de diferença e «alteridade» (*otherness*) e pela criação de mais heterogeneidade e depois por uma ênfase na mesma. É claro que o maior problema é identificar os critérios pelos quais esta identidade é estabelecida num qualquer campo social". (Lemaine, Kastersztein e Personnaz, 1978, *ob. cit.*, p.287).
5. Tajfel foi um dos pioneiros no estudo das relações entre categorização social e identidade social (Tajfel *et al.*, 1971, e Tajfel e Billig, 1973). A mínima (Tajfel) categorização provoca fenómenos de favoritismo do "próprio" grupo e de discriminação do grupo "dos outros". Há uma excepção frequente nos grupos "inferiores" face a grupos "superiores". Tendem a desvalorizar-se com atributos negativos e a esquecer até os positivos. Não é de excluir que exista também nos portugueses.
6. Predomina no português a *motivação afiliativa* segundo as investigações de McClelland (196) feitas em Portugal. Encontrou baixa motivação para o sucesso, a excelência e o poder. Povo de mobilização fácil para ajuda humanitária espontânea e menos para programar acções eficazes e permanentes. Noutros

estudos parcelares e sondagens sobre valores, os portugueses valorizam as dimensões relacionais, familiares, amizade, convivência, estima, harmonia e paz e ainda honestidade, igualdade, liberdade, segurança familiar, felicidade. E menos os valores de competência, independência, realização ... (Ver também GAMEIRO, Aires, *Emigrantes*, Lisboa, 1984).

7. Ver nota 6

8. Parsons a este traço do "contra" e "empata" chama estrutura adscriptivo-particularista (cf. C. Jesuíno, 1982, p.85s.). Segundo C. Jesuíno, é traço de oposição à orientação para a colectividade. As liberdades individuais(listas) entram as organizações colectivas e a autoridade e impedem o jogo da competitividade. Este traço associado ao aventureirismo de comerciante amador, origina economias paralelas. Abraça certa anomia, fabrica as suas leis privadas. A remodelação da identidade portuguesa pode enveredar por dois caminhos opostos:

- a) Competir com outros povos pelo sucesso, poder, eficácia em situação de inferioridade e cair no derrotismo masoquista.
- b) Buscar algumas diferenças válidas, revalorizá-los e orgulhar-se delas. O risco maior é o das ideologias arbitrarias rejeitarem muitas das diferenças mais válidas como inferiores acentuando o derrotismo.

9. Cf Gabriel RUSSOTTO, *San Giovanni di Dio I*, 134, e Aires GAMEIRO *Tempo e Originalidade Assistencial de S. João de Deus*, p.312.

10. Na compilação dos esquemas sigo os seguintes autores:

GOMEZ, O.H. P. Juan Ciudad, *Historia de la Orden Hospitalaria de S. Juan de Dios*, Granada, 1963; PARRA Y COTE, Fr. Alonso, *Bulario de la Sagrada Religión de Hospitalidad de N. P. S. Juan de Dios*, Part. I, Madrid, 1756; __, *Bulario de la Sagrada Religión de Hospitalidad de N. P. S. Juan de Dios*, Part. II, Madrid, 1757; RUSSOTTO Gabriel, *San Giovanni di Dio e il suo Ordine*, vol. I, Roma, 1969; SANTOS, Fr. Juan, *Bulario de la Sagrada Religión de San Juan de Dios*, Madrid, 1702. __, *Chronologia Hospitalaria y resumen historial del glorioso patriarca San Juan de Dios*, Part. I, Madrid, 1715. __, *Chronologia Hospitalaria y resumen historial del glorioso patriarca San Juan de Dios*, Part. II, Madrid, 1716; STROHMAYER, O., Hosp. Frater Hermenegild, *Der Hospital Orden des Hl. Johannes von Gott Barmherzige Brueder*, Regensburg, 1978. Os mapas de distribuição das várias fundações foram tomados desta fonte aos quais fizemos algumas adaptações, mas os nomes ficaram como no original. Provincialat der Barmherzigen Brueder, *400 Jarhe Barmherzige Brueder in Mitteleuropa*, Festshift, Wien, 2005.

11. Por exemplo, entre outros, os Hospitais da Beneficência do Rio de Janeiro e Olinda, Brasil que o tem por inspirador, patrono, ostentando algumas enfermarias com o seu nome.

Bibliografia

Acção Médica 58/59-Out. 1950-Março 1951. Volume especial dedicado a S. João de Deus no IV centenário da sua morte.

BANHA DE ANDRADE, A. Alberto, *S. João de Deus na sua Terra Natal*, Évora, 1978.

BILLIG, M. e TAJFEL, H., *Social categorization and similarity in inter-group behaviour*. *European Journal of Social Psychology*, 1973, pp.27-52.

CASTRO, Francisco de, *História da vida e obra de S. João de Deus*, Ed. Franciscanas, Braga, 1982. CASTRO, Rachel Jardim, *S. João de Deus. Um Herói Português do século XVI*, Lisboa, 1922.

CODOL, J. C. (1980), *La quête de la similitude et de la différenciation sociale: une approche cognitive du sentiment d'identité*, in TAP, P. (ed.), *Identité individuelle personnalisation*, Toulouse Privat. (1983-84) - *Différenciation et indifférenciation sociale*. *Bulletin de Psychologie*, 37, 365, 515-529.

CRUSET, José, *S. João de Deus, Uma Aventura Iluminada*, Aster, Crónica Hospitalária, Ed, Lisboa, s/d.

DESCHAMP, J. C. (1982), *Social identity and relations of power between groups*. In H. Tajfel (editor) *Social Identity and Intergroup Relations*, Cambridge University Press.

DOISE, W. Deschamps, J. C. e Mugny, G. (1978) (trãd. porto 1980) - *Psicologia social experimental*, Morais Editores.

FESTINGER, R. (1954 e 1971), *Théorie des processus de comparaison social*-In Faucheux, C. e Moscovici, S., *Psychologie Social e théorique et expérimental*, Paris, Mouton tradução do artigo *A theory of social comparison processes*, Human Relations, 1954, pp.117-140.

FILIFE, Nuno, *História da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus (mimeograf.)*. Barcelos 1967.

__, *Irmãos de S. João de Deus - 50º Aniversário da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira (1928-1978)*, Telhal, 1980.

FISHMAN, J. A., *Nationality-nationalism and nation-nationism*, in J. A. Fishman, C.A. - Ferguson e J. D. Gupta, (eds.): *Language problems of developing countries*, Nova Iorque: Wiley, 1968.

GAMEIRO, Aires, *Relações de observador-participante com a instituição religiosa*, in *Boletim do Centro de Reflexão Cristã*, nº32, Lisboa, 1982.

→ *A identidade Portuguesa e a dimensão universal de S. João de Deus* in Conferência Internacional Os Portugueses no Mundo, Porto, 4-7.6.85.

→ *Iniciação à Dinâmica das Sociedades e dos Grupos*, Ed. Salesianas, Porto.

→ *S. João de Deus-Actualidade da sua vida e obra*, in *Acção Médica*, Lisboa 1970.

→ *Emigrantes, Psicologia Social, Conflitos e desafios culturais*, Centro do Livro Brasileiro, 1984.

→ *Lusofonia e identidade na Diáspora*, Ed. Paulinas, Lisboa, 2000.

→ Aires e SOUSA, C., *Revolução e Libertação - Análise Psicológica da Revolução de 25 de Abril*, Ed. Multinova, 1976.

GAMEIRO, João, *Os Irmãos de S. João de Deus em Portugal*, Lisboa 1943.

→ (trad.), *Cartas de S. João de Deus*, Ed. Franciscanas, Braga 1984.

GOFFMAN, E., *Estigma*, Zahar, Rio de Janeiro, 1978 (ed. orig. 1964).

GOVERNO PORTUGUÊS, *S. João de Deus, Homenagem de Portugal ao seu glorioso Filho, 1550-1950*, Lisboa.

KUHN, Thomas (1962 e 1970), *La structure des révolutions scientifiques*, Paris, Flammarion, 1972.

JESUINO, J. C., *Anomia e mudança na sociedade portuguesa*, in VÁRIOS, *Mudança Social e Psicologia Social*, Livros Horizonte, 1981.

→ *Valores finais da juventude portuguesa em 1983*, in *Cadernos de Juventude*, 8 IED.

LEMAINE, G., Kastersztein, J., Personnaz, B., *Social Differentiation between Social Groups*, London, Academic Press, 1978.

LEYENS, J.P., *Psicologia Social*, Edições 70, 1981.

MARQUES GASTAO, *S. João de Deus, Sua Vida, Sua Obra*, Centro do Livro Brasileiro, 1982.

McCLELLAND, *The Achiwing Society*, Free Press, 1961.

PARRA Y COTE, Fr. Alonso, *Bulario de la Sagrada Religión de Hospitalidad de N. P. S. Juan de Dios*, Part. I, Madrid, 1756.

→ *Bulario de la Sagrada Religión de Hospitalidad de N. P. S. Juan de Dios*, Part. II, Madrid, 1757.

PARSONS, Talcott (1951) - *The Social System* (trad. esp. Alianza Universidad da 3ª ed. (1959) da versão original, Madrid, 1982.

PINTO, Joaquim Caetano, (Hunnermann), *S. João de Deus, O Português de Granada*, 2.^a edição, Ed. Salesianas, Porto, 1983.

Provincialat der Barmherzigen Brüder, *400 Jahre Barmherzige Brüder in Mitteleuropa*, Festshft, Wien, 2005.

RANGEL DE LIMA, *Análise de Escalas de Valores Humanos na Força Aérea Portuguesa*, GEPS-ISCTE, 1981, (inédito).

_, *Análise de Valores Humanos-Exército Português*, GEPS, 1982, (inédito).

_, *Análise de Valores Humanos - Marinha de Guerra Portuguesa*, 1983, (inédito).

REDRADO, José L. et al. (Aires GAMEIRO coord.), *Dimensão Apostólica da Vida e Obra de S. João de Deus* (trad. Moreira de ANDRADE), Hospitalidade e Secretariado (nt. de Pastoral da Saúde), 1984.

REICH, B. e Adcock, c., *Valores, Actitudes y Cambio de Conducta*. C.E.C.S.A. Comp. Ed. Continental, S A.México, 1980.

ROKEACH, *The Nature of Human Values*, Free Press, New York, 1973.

RUSSOTO, G., *San Giovanni di Dio e il suo Ordine Ospedaliero*, vol. I, 528 pp., vol. II, 504 pp., Ed. Officio Formazione e Studi dei Fatebenefratelli, 1969 (trad. francesa 1982).

SAINSAULIEU, Renaud, *L'identité au travail*, Paris, P.F.N.S.P., 1977.

SANTOS, Fr. Juan, *Bulario de la Sagrada Religión de San Juan de Dios*, Madrid, 1702.

_, *Chronologia Hospitalaria y resumen historial del glorioso patriarca San Juan de Dios*, Part. I, Madrid, 1715.

_, *Chronologia Hospitalaria y resumen historial del glorioso patriarca San Juan de Dios*, Part. II, Madrid, 1716.

SHERIF, M. Harvey, O. J, White, B. J. Hood, W. R. e Sherit, C. W. (1961), *Intergroup. Conflict and cooperation: The robbers cave experiment* Norman, Oklahoma: University of Oklahoma Book Exchange. Status Generalis Ordinis Hospitalarii S. Joannis a Deo, Roma, 1978.

TAJFEL, H., *Grupos Humanos e categorias sociais-Estudos em psicologia social*, I vol. Livros Horizonte, 1981.

STROHMAYER O. H., Frater Hermenegild, *Der HospitaOrden des Hl. Johannes von Gott Barmherzige Bruede*, Regensburg, 1978.